

1. Introdução

Walter Benjamin nos inquieta. Seus escritos despertaram em mim uma curiosidade nunca antes vivida. Através de seus textos tive a oportunidade de reexaminar minhas convicções e assumir um posicionamento crítico frente ao entulho produzido pela cultura de massa, interesse este despertado pelas pequenas coisas; restos, tal qual sentido por Benjamin ao dar importância aos *detalhes* enquanto fonte de verdades filosóficas. Ingressar no mestrado foi uma tentativa de conciliar aquilo que aprendi do pensamento desviante de Benjamin com a história cartesiana que eu fazia do mundo enquanto método.

Esta dissertação tem por objetivo, compreender o trabalho do colecionador de fotografias enquanto um alegorista da modernidade e que quer salvar as fotografias das ruínas do abandono. Colecionador no sentido descrito por Benjamin, como aquele que descontextualiza os objetos para encontrar neles escrituras, signos da modernidade, ou de uma temporalidade. Fotografias no sentido de serem, ao encontrá-las, imagens dialéticas.

Benjamin tem muitos textos dedicados a estes “arqueólogos das coisas”. Ele escreveu sobre esta figura da modernidade em *O Colecionador* (Sessão H, das Passagens), *Desempacotando minha biblioteca* (Obras Escolhidas, volume II), no texto sobre Baudelaire e em diversos outros escritos.

Assim como Baudelaire, Benjamin se interessava pela figura do trapeiro/poeta. Será ele, flâneur e caçador que, desencantado e sofrendo melancolicamente a perda da experiência autêntica irá encontrar refúgio nos objetos abandonados para se redimir. Ele é o herói da cidade grande, pois, para ele os objetos encontrados (no caso aqui proposto, fotografias) são figuras da decadência, da perda da experiência, do esquecimento e da morte. Para Benjamin, o colecionador é o único capaz de sentir uma paixão genuína pelas coisas tidas como inúteis e de habitar nas ruínas do descartável (objetos esquecidos, abandonados). Ele faz isso para preservar seu eu intacto e também para que estes fragmentos de história encontrados por ele, sacudam “o coletivo adormecido em seu despertar político”¹ pois, ele não quer salvar apenas os objetos, como também as pessoas e a si próprio.

¹ BUCK-MORSS, Susan. *Dialética do olhar*. Belo Horizonte: UFMG, 2002, p.265.

Esta dissertação é dividida em apenas duas partes. Na primeira, falo sobre o ato de colecionar e do colecionador de fotografias. Falo de fotografias enquanto objetos históricos uma vez que seu sentido será construído pelo colecionador benjaminiano que irá, ao encontrar uma foto, proporcionar o encontro do passado com o presente, do distante com o próximo. É ele também – juntamente com o fotógrafo -, quem irá nesta colheita de rastros deixados pelo passado fazer o inventário da memória e reconstruir um novo futuro. O fascínio deste que busca, caça; nasce da necessidade de não deixar que estes restos se percam no esquecimento, mas também, compreender a época em que vivemos. Ele irá transfigurar as coisas retirando delas seu valor mercantil para atribuir-lhes um interesse de conhecedor. Nunca a figura de um colecionador nos foi tão importante! As lembranças não se “abrem” apenas para ele, aquele que recorda, encontra e dialetiza, mas também “aos brancos, aos buracos, ao esquecido, ao recalcado, para dizer, com hesitações, solavancos, incompletude, aquilo que ainda não teve direito à lembrança, nem às palavras.”² Todos estão convidados a caminhar no labirinto destas descobertas para encontrar um tempo que se julgava perdido.

Na segunda parte, escrevo sobre a arte de encontrar fotografias enquanto experiência filosófica e também sobre uma experiência própria de ter organizado, pesquisado e exposto fotos achadas na Praça XV do Rio de Janeiro aos fotografados e ao público 40 anos depois. Vocês lerão uma parte deste texto em primeira pessoa e esta “licença poética” foi proposital. Pois, foi com a mesma melancolia de um colecionador que percorre as cidades a espera do acaso na sua *atenção distraída*³ e encontra o achado para em seguida extrair “um mundo”, que recebi o convite para participar deste projeto tão inquietante para depois vir a escrever sobre esta experiência na minha dissertação de mestrado.

Expor as fotografias que foram encontradas no lixo e buscar por seus fotografados me fez meditar não somente sobre o achado, sobre o encontro, sobre a aura ou sobre a origem instaurada com uma imagem, como me fez pensar também sobre a morte das coisas, sobre o esquecimento e sobre a fragilidade da vida que é engolida pelo tempo. O olhar *cismado* de um colecionador que salva as coisas porque acredita nas correspondências originárias entre elas é o mesmo olhar daquele que se contempla

² Apud PEREIRA, Verônica Sales. “Os rastros do trapeiro”. Disponível em: http://www.arquitetura.eesc.usp.br/revista_risco/Risco6-pdf/02_art5_risco6.pdf. Acesso em: 13. mai. 2009.

³ Expressão usada por Jeanne Marie Gagnebin no texto: “Uma topografia espiritual”. Em: *O camponês de Paris*. p.252.

nestas imagens dialéticas. Ambos vêm o outrora no agora. E foi neste entrecruzamento de nostalgia e promessa de felicidade que ao expor estas imagens tentei fazer homenagem não somente aos fotografados como também ao fotógrafo que já estava morto e esquecido. Estarmos abertos para a percepção destas histórias que se reconduzem a nós por desvio é entender que, aquilo que ignoramos talvez seja aquilo que nos habita e também aquilo nos leva a agir.

Para Benjamin o aspecto utópico que aparece na atitude de todo colecionador é ele acreditar na história e no destino dos objetos assim como acreditei ter um destino as fotos encontradas na Praça XV: “O colecionador compraz-se a suscitar um mundo, não apenas longínquo e defunto, mas simultaneamente melhor; um mundo [...] onde as coisas são libertas do enfado de serem úteis”.⁴

⁴ CANTINHO, Maria João. *O anjo melancólico. Ensaio sobre o conceito de alegoria na obra de Walter Benjamin*. Coimbra: Angelus Novus, 2002, p.127.